

FMI discute amanhã soluções para a crise

O aumento do fluxo de capitais para os países em desenvolvimento é essencial para reativar a economia mundial, atualmente imersa numa recessão "muito mais profunda" do que se previa. Essa é a opinião de fontes do FMI e do Banco Mundial, para quem a situação "é crítica em muitos aspectos" e a "débil recuperação econômica" dos países industrializados não será suficiente para iniciar uma recuperação global.

Esta crise e os meios para superá-la serão o tema de uma reunião de nível ministerial que será realizada, a partir de amanhã, em Washington. Participarão do encontro tanto países industrializados como os em vias de desenvolvimento que integram o chamado comitê de desenvolvimento do Banco Mundial e do FMI.

Uma das soluções discutidas, segundo as fontes, certamente será o desmantelamento das barreiras protecionistas, que provocaram uma redução de 130 bilhões de dólares, entre 1981 e 1982, no comércio internacional.

Ao divulgar ontem a agenda do encontro, altos funcionários do FMI e do Banco Mundial lembraram que, apesar de alguns sinais alentadores, como a diminuição dos preços do petróleo, das taxas

de juros e dos índices de inflação em alguns países desenvolvidos, a situação da economia mundial ainda pode ser comparada à de um doente em estado muito delicado, sofrendo com problemas como a paralisação do comércio, a redução do crédito comercial e os altos níveis de desemprego.

Esse quadro, segundo os funcionários do FMI, complica-se com a frágil situação dos balanços de pagamentos dos países mais endividados do mundo, em particular Brasil, México e Argentina.

De acordo com aquelas fontes, a recessão mundial, que parece já ter chegado ao seu grau máximo nos países industrializados, "está apenas começando" a golpear as nações em vias de desenvolvimento, com a óbvia implicação de que, para estas nações, o pior ainda está por vir.

Os representantes do Terceiro Mundo farão uma reunião prévia hoje, para tentar chegar a uma posição comum a ser apresentada ao comitê de desenvolvimento.

Uma outra exortação no sentido de que os Estados Unidos, a Europa e o Japão trabalhem juntos em busca de uma continuada recuperação da economia mundial foi feita ontem por seis ex-planejado-

res de política econômica de nações industrializadas.

Uma declaração conjunta assinada por Raymond Barre, ex-primeiro-ministro francês, Alan Greenspan, assessor do presidente Reagan, Manfred Lahnstein, ex-ministro da Fazenda da Alemanha Ocidental, Charles Schultze, assessor do ex-presidente Jimmy Carter, e Taroichi Yoshida e Bunroku Yoshino, ex-ministros japoneses, afirma que "precisa começar nos EUA uma continuada recuperação econômica mundial".

Para eles, a recuperação norte-americana se espalharia pela Europa e Japão. Os países em desenvolvimento poderiam vender mais aos EUA e se reduziria o encargo dos juros sobre suas dívidas externas. "A Europa e o Japão têm igual responsabilidade na manutenção de políticas macroeconômicas apropriadas à recuperação e taxas de juros mais baixas nos EUA."

Em Washington, enquanto isso, o secretário do Comércio, Malcolm Baldrige, anunciou ontem que o presidente Reagan quer criar um novo departamento, de nível ministerial, para enfrentar os desafios da competição comercial estrangeira. "Precisamos de uma voz mais forte e consolidada em favor do livre comércio", disse Baldrige.